

LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO DE LEITORES: O LUGAR DO TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

ENTREVISTA¹ COM O PROF. DR. JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES



Hélder Pinheiro (Professor da Universidade Federal de Campina Grande)

(L&L): Professor, como se deu a formação do Hélder Pinheiro leitor, os seus contatos com a literatura e de que maneira o senhor acha que isto contribuiu para a sua formação profissional e humana?

(JHPA): Minha primeira experiência com a literatura se deu pelo viés da oralidade. Morei na zona rural, no interior do Ceará, até os 12 ou 13 anos de idade e, neste contexto rural, ouvi muitas histórias em prosa e verso. Mas o que mais me encantava eram os versos. A música da poesia oral sempre me alegrou. Neste sentido, a presença do meu avô paterno, que fazia “repente” – eram quadras que criava com o nome das pessoas – e cantava folhetos; de meu pai, que recitava inúmeras estrofes; e de moradores da região que foram definitivos na minha formação. Também destaco a presença do rádio. E aqui lembro-me de um programa que ouvia uma vez por semana, na rádio Tabajara, de João Pessoa, com os emboladores de coco Cachimbinho e Chico Sena. Aquilo era um verdadeiro êxtase para mim. Portanto, não tive contato com o livro de papel na infância, nem mesmo com folhetos. O único livro que li, mas não entendia muita coisa, foi *Caçadas de Pedrinho*, de Lobato, que uma tia comprou para um filho. Lembro que gostei muito, me emocionei com muitas passagens. Pois bem, essa experiência com a oralidade foi fundamental para minha vida e minha prática docente anos depois. Fui buscar lá na infância muitos elementos para trabalhar a leitura oral, o gosto pela poesia – não só a de vertente popular. No ensino fundamental, a partir da então sexta série, já em Fortaleza, tive contato com a poesia via livro didático. Mas adorava ler os poemas, as narrativas dos livros. Um professor, na oitava série (hoje nono ano), ajudou muito estimulando a leitura oral dos textos. Veja, praticamente nunca fui a uma biblioteca até a oitava série. E também não tinha dinheiro para comprar livros. Minha formação acadêmica em Uberaba-MG também foi muito significativa. Tive, já naquela época, a disciplina Literatura infantil e juvenil, com a professora Vânia Maria Resende, que abriu um mundo de leituras que eu não conhecia. E também trouxe inúmeros procedimentos didáticos que fugiam do pragmatismo do livro didático (veja-se seu livro *Literatura infantil*, publicado pela Editora Saraiva). Depois, em São Paulo, convivi um tempo com professores da APLL – Associação de Professores de Língua e Literatura, que, sob a influência de Lígia Chiappini, trazia reflexões profundas sobre o ensino de literatura numa perspectiva nova para mim (veja-se, por exemplo, o ainda muito atual *A invasão da catedral*, de Lígia).

(L&L): Nelly Novaes Coelho em *Literatura Infantil: teoria, análise e didática* (Ed. Moderna, 2000) aponta que o professor de literatura tem no novo milênio o desafio de agregar as novas tecnologias ao mundo da literatura. De que forma o senhor acha que os professores podem trazer a literatura infantil para a sala de aula utilizando-se de outros meios que não apenas o livro impresso e, ainda assim, fazer o texto se tornar atrativo a leitores envolvidos com outras mídias?

(JHPA): Acho que os meios tecnológicos são apenas mais um recurso. Mas acredito mesmo é na voz, na palavra dita com expressividade, na aproximação física com o livro de papel e entre leitor em formação e mediador. Nada supera a voz – seu calor, os vários tons que pode assumir (Zumthor refletiu de modo agudo sobre esta questão). Meu filho de 6 anos passa horas com *ipad* ou com telefone, mas à noite, antes de dormir, nada substitui nosso encontro para ler e reler às vezes a mesma história. Por certo, as gerações mais jovens de professores devem lançar mão de instrumental tecnológico, mas se eles não tiverem formação leitora, se ler literatura para eles não for algo vital, não acredito que o mero instrumental dê conta de uma formação adequada. Portanto, não tenho ilusão salvadora com as novas mídias. Nada supera o contato pessoal, interpessoal, a conversa, a parada, a encenação, enfim, a vivência. Veja, não estou negando a necessidade de “agregar as novas tecnologias”, estou apenas relativizando, dizendo que antes do instrumental, deve estar a experiência leitora ou, ainda, que o instrumental contribua para esta experiência.

(L&L): Dados da Prova Brasil de 2011 revelam que mais de 50% dos professores de escolas públicas não leem livros. Este talvez seja um dos grandes problemas a serem enfrentados nas licenciaturas pelo país. De que maneira os docentes destes cursos podem colaborar para a formação de professores-leitores que irão atuar diretamente no processo de formação de outros leitores?

(JHPA): Os docentes de literatura dos cursos de Letras, por exemplo, durante décadas se preocuparam muito mais em formar críticos do que em formar professores-leitores-mediadores. Sempre houve – e continua havendo – muito preconceito com a formação pedagógica, isto é, em formar o professor-leitor que será o professor-mediador na formação escolar do ensino básico. Acho que as coisas estão mudando, mas ainda muito lentamente. Não se trata de transformar tudo em pedagogismo, mas de aliar uma experiência leitora a uma formação metodológica adequada ao leitor em formação. Pressupõe descentrar o ensino do texto (como determinadas correntes teóricas o fazem) para a interação com o leitor (aqui as importantes reflexões de W. Iser, em seu *O ato de ler*) são fundamentais. Os professores dos cursos de Letras não devem abdicar de formar professores-leitores capazes de articular teoria literária e leitura de obras, mas também leitura literária e procedimento de leitura que contribua para formar o leitor do ensino básico. E já há muita pesquisa nesta área e creio que o PROFLETRAS tem contribuído para este tipo de formação. Vimos refletindo sobre isto há 18 anos, primeiro no PPGL, da UFPB, quando criamos a linha de pesquisa Literatura e ensino, junto com o professor Edilson Amorim e, depois, a partir de 2004, quando, com professores da área da linguística da UAL-UFCG, criamos o POSLE.

(L&L): O senhor tem um trabalho de longa data com o texto poético, incluindo-se aí as inúmeras publicações já feitas acerca do uso da poesia na sala de aula. Qual o lugar da poesia na sala de aula nos dias de hoje e como o professor de literatura pode fazer uso deste gênero de maneira proveitosa?

(JHPA): Diria que a literatura, hoje, ocupa ainda um não-lugar na escola ou um lugar muito discreto. Levantamento de dezenas de pesquisadores em salas de aula continua constatando que a poesia ocupa sempre o terceiro ou quarto lugar no interesse dos alunos. No entanto, quando se faz um experimento com poesia, centrado no diálogo texto versus leitor, quando os textos são escolhidos tendo em vista o horizonte de expectativa dos leitores, o envolvimento, a descoberta da poesia se faz de modo muito significativo. Diria que a poesia deveria ocupar um lugar de destaque, não através de eventos, mas cotidianamente. Como professor, em qualquer disciplina que ministro, desde quando me iniciei no magistério, no início da década de 1980, do século passado, SEMPRE levo poemas para sala de aula. Leio, comento, indico poemas de que gosto, estimo que os alunos tragam os versos de que mais gostaram, etc. Ou seja, a poesia não deveria ser apenas um conteúdo a ser ensinado, mas uma experiência a ser vivida cotidianamente. Mas para fazer isto o (a) professor(a) precisa ser um leitor de poesia. Creio que para realizar um trabalho significativo na formação de leitores de literatura em geral, não só de poesia, é fundamental que o professor-mediador mude minimamente sua postura diante dos alunos. Ou seja, é preciso tornar-se mais humilde, aprender com a vivência leitora do outro – por menor que ele seja, por mais estranho que pareça seu ponto de vista. Isto pressupõe OUVIR mais, tentar se colocar no lugar do outro. Não é concordar com ele. E, sobretudo, fazer perguntas, muitas para ajudá-lo(a) a reelaborar seus pontos de vista, retornar ao texto inúmeras vezes. Isto não é simples nem fácil. E dá margem para muita conversa ainda...

(L&L): Recentemente o senhor lançou pela Parábola Editorial o livro *Poesia na sala de aula* (2018). O senhor acredita que este livro poderá auxiliar o professor de literatura no trabalho com o texto poético? Trata-se de livro que envolve aspectos teóricos e práticos?

(JHPA): Trata-se de uma edição nova, totalmente revista e ampliada, de um livro que já tem mais de vinte anos (a primeira edição, ainda miudinha, é de 1995). Por estes anos, ouvi dezenas de depoimentos de que o livro contribuiu para professores e professoras trabalharem a poesia na sala de aula. Por certo há muita teoria por trás de muitas afirmações que faço, mas não ao modo tradicional, de aplicação de teoria a determinado texto. Como o livro se volta para o trabalho com o poema no ensino básico, acredito que o eixo deve ser a leitura e discussão dos poemas. O que se deve explorar neste percurso é ligação dos textos com a vida dos leitores, suas experiências, seus sonhos, seus desejos, suas preocupações, suas incertezas, seus medos. Por outro lado, não dou receitas, não faço roteiros de aulas a serem aplicados mecanicamente. Acredito que tantos os relatos de experiências feitos ao longo dos anos, quanto as sugestões instigam os leitores-professores (as) a ousar mais a partir de suas próprias experiências como leitores e/ou a reinventar o que apresentamos. Isto para mim é fundamental. Quando, mecanicamente, você repete, com o tempo a repetição fica mecanizada. Quando, a cada aula você reinventa – uma leitura, um procedimento, etc. – você se sente mais sujeito da leitura.

(L&L): Agradecemos imensamente pela sua entrevista e colaboração para a Revista *Linguagens e Letramentos*

(JHPA): Se alguém agradece aqui, sou eu. Tenho um grande apreço pelo PROFLETRAS e espero que este programa continue incentivando e estimulando práticas de leitura literária que favoreçam a aproximação de crianças e jovens ao texto literário. E fico muito feliz com o fato de que colegas da mesma universidade em que trabalho estejam tão envolvidos

com a formação leitora de nossos professores. Vamos incendiar nosso sertão, brejo e litoral com a poesia. Parabéns pela iniciativa.

REFERÊNCIAS:

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

ISER, Wolfgang. **O ato de ler**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura infantil & juvenil**: vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

ⁱ Esta entrevista foi realizada, em nome da Revista Linguagens & Letramentos, pelo Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga.